

Universidade Federal de Minas Gerais

GRACIANA MARIA DOS SANTOS OLIVEIRA

Ensino da Arte no Brasil no século XIX XX XXI

Breve Trajetória

Campos Gerais

2015

GRACIANA MARIA DOS SANTOS OLIVEIRA

Ensino da Arte no Brasil no século XIX XX XXI

Breve Trajetória

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

ORIENTADORA: Profa. Kleumanery de Melo Barboza

Campos Gerais
2015

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Ensino da Arte no Brasil no século XIX XX XXI – Breve Trajetória*, de autoria de Graciana Maria dos Santos Oliveira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Kleumanery de Melo Barboza
Orientadora

Profa. Conceição Linda de França
Profa. Convidada

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV

Campos Gerais
2015

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, por mais esta oportunidade fazer mais um curso e poder concluir.

In memoriam aos meus pais que mesmo não estando aqui tenho certeza que estão olhando por mim e isso é o que me move.

Ao meu esposo pela paciência e dedicação em mais uma etapa da minha vida.

Aos grandes companheiros e amigos nesta jornada: Diurly Lopes e Andrielle.

Aos tutores Raphaela, Moísa e Gladson e especial a orientadora Kleumanery de Melo Barboza, que se não fosse por ela não teria chegado até aqui.

Obrigada de coração a todos e que Deus abençoe cada um.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
Capítulo I	
1. Panorama Histórico do século XIX.....	8
1.1. A chegada da Missão Artística Francesa.....	8
1.2 .A Criação da Academia e Escola de Belas Artes.....	9
1.3 .O Ensino na Academia e Escola de Belas Artes.....	11
Capítulo II	
2. Panorama Histórico do século XX	15
2.1 O Regime Militar e o Ensino de Arte.....	17
2.2. Ana Mae Barbosa e a Abordagem Triângular	18
Capítulo III	
3.Panorama Histórico do século XXI.....	20
3.1. Professor de Arte do século XXI.....	21
3.2 Novas Tecnologias no Ensino de Arte.....	22
CONCLUSÃO	25
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo, apresentar de forma breve, um relato sobre a trajetória do ensino de artes no Brasil, tendo como objeto de estudo os séculos XIX, XX e XXI. No século XIX, abordaremos como o ensino de artes foi implantado no país, a partir da chegada da Missão Artística Francesa e da Criação da Real Escola de Belas Artes. No segundo capítulo, dedicado ao século XX, relataremos as transformações ocorridas no ensino das artes, com a criação do primeiro curso superior para a formação do professor de artes, e, como o governo ditatorial refletiu e interferiu no ensino de artes. Por fim, no terceiro capítulo, como a arte vem sendo ensinada nos dias atuais e as tecnologias que auxiliam o professor como facilitadores de aprendizagem.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo, apresentar as mudanças sofridas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI contribuindo para que os educadores, em especial de artes, reflitam sobre as bases do ensino de artes e de seu trabalho de forma conjunta e íntegra. A Arte é um conceito associado à democratização das instituições e o reconhecimento de ações realizadas buscando o resultando e seus desafios. Dentre esses e outros fatos, está no desenvolvimento desta pesquisa como o ensino de arte era desvalorizado e, o que foi feito para que isto fosse mudado. Fala também como foi a sua implantação e o que fez de diferente no ambiente escolar, as opiniões de alguns autores relevantes, como Ana Mae Barbosa, dentre outros. E o que diferenciou com a chegada das tecnologias nas escolas e quais atitudes foram tomadas para se adaptar, a formação dos professores e no que isto muda na hora de ensinar. É preciso inovar o cenário da escola onde todos estarão aprendendo a aprender, onde a reflexão seja utilizada para repensar a sua prática e onde também haja a alegria em aprender, o prazer e a criação sem esquecer o rigor da sua importância.

1 Panorama Histórico do século XIX

1.1 A chegada da Missão Artística Francesa

Apesar de a prática artística estar diretamente relacionada à temática religiosa, e os principais clientes serem, em sua maioria vinculada às igrejas, também existiam obras com temáticas diversas, encomendadas por clientes civis. Em 1816 chegaram ao Brasil um grupo de franceses denominado Missão Artística Francesa que era chefiado por um antigo membro do Instituto de França o Joachim Lebreton e mais de 20 homens, a missão era trazer uma nova cultura artística para o Brasil e criar uma escola de artes que futuramente seria a Academia Imperial de Belas Artes.

Como sabiam que havia muitos artistas de origem popular e mestiça considerados como simples artesão, que na visão deles este fato contribuía para o Brasil ser um país carente de artes, tentaram de várias maneiras implantar uma cultura artística sofisticada no país. Um exemplo que pode ser citado foi que eles trouxeram mais de 54 quadros de pintores ingleses e franceses, para dar início a uma pinacoteca, ou seja, um museu de pinturas deste artistas para mostrar as obras o responsável por esta organização foi Alexandre Van Humdoldt. Para mostrar mais sobre seu trabalhos eram convidados para participar de eventos, como casamentos e até mesmos velórios.

Nessa época, a atividade artística não era incluída nas escolas públicas e o ensino de arte era exclusividade da Academia Imperial de Belas Artes. Depois de seis meses que a Missão Artística Francesa havia chegado foi criada a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, que tinha como objetivo formar o artista para o exercício das belas artes e ofícios para as atividades industriais.

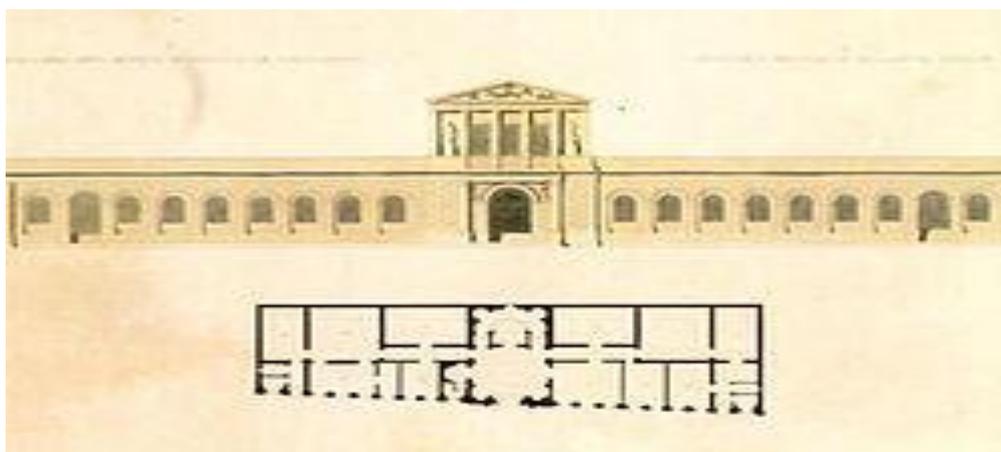
Atendendo ao bem comum que provém aos meus fiéis vassallos de se estabelecer no Brasil uma Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios em que se promovam e difundam a instrução e conhecimento indispensáveis aos homens destinados não só aos empregos públicos de administração do Estado, mas também ao progresso da agricultura, mineralogia, indústria e comércio de que resultam a subsistência, comodidade e civilização dos povos mormentes neste continente cuja extensão não tendo ainda o devido e correspondente

número de braços indispensáveis ao tamanho e aproveitamento do terreno, precisas de grandes socorros da estatística para aproveitar os produtos, cujo valor e preciosidade podem vir a formar o Brasil mais rico e opulento dos Reinos conhecidos; fazendo-se, portanto, necessários aos habitantes o estudo das belas artes com a aplicação e referência aos ofícios mecânicos, cuja prática, perfeição e utilidade dependem dos conhecimentos teóricos daquelas artes e de efusivas luzes das ciências naturais, físicas e exatas [...] (SCHWARCZ, 2002, p. 310-311).

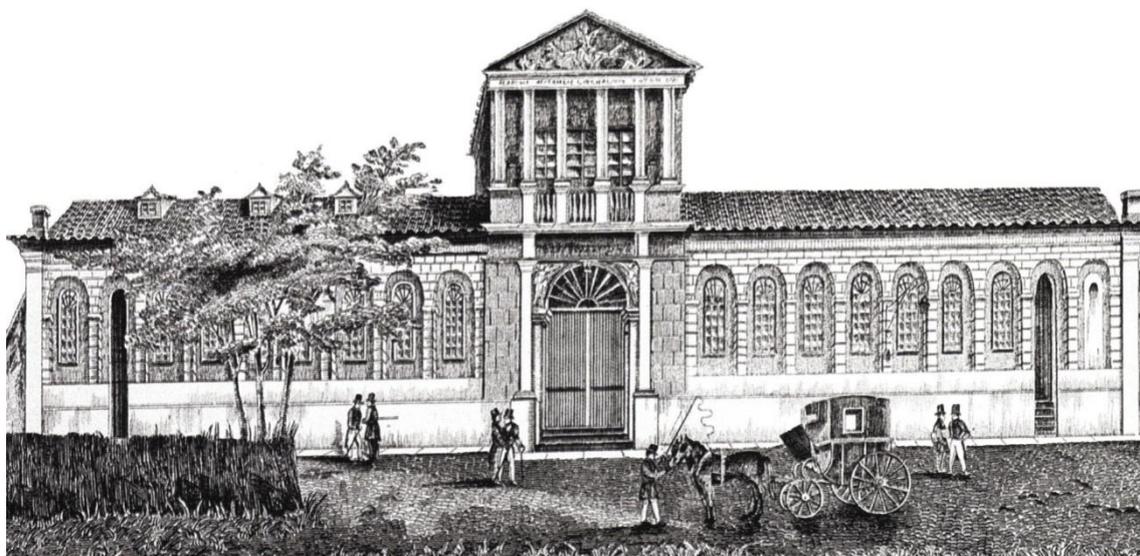
A partir de então novas diretrizes para o ensino e produção artísticas foram implantadas nos Pais para a melhoria do ensino. E a Missão Artística estabeleceu uma prática acadêmica na introdução do neoclássico no Brasil.

1.2 A Criação da Academia e Escola de Belas Artes

Em 1808, foi criada por um decreto a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e em 1820 passou a ser chamada a Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil e mais tarde em 1826, Academia Imperial de Belas Artes, que seria a primeira Instituição de Ensino Superior de artes com aulas de desenho, pintura, escultura e a arquitetura. E foi a partir da criação desta Academia, que houve a ideia de implantar a arte no ensino primário e secundário.



(figura 1) Grandjean de Montigny. Projeto da Academia Imperial de Belas Artes.



(figura 2) Academia de BellasArtes, 1846

De acordo com Schwarcy (2002), os artistas franceses traziam consigo uma arte neoclássica que tinha o objetivo de buscar os rastros das glórias perdidas e os modelos de virtude na antiguidade. Os desenhos também eram muito importantes considerados indispensáveis na modelagem artística. Diante destas circunstâncias foi criado um novo estatuto para os artistas:

Fornecendo-lhe uma formação técnica aprimorada e expandindo seu repertório temático (PEREIRA, 2008). Assim sendo, o ensino acadêmico que era sistematizado, foi sucessivamente modificado, até que prevaleceu, segundo Campofiorito (1983) “a mentalidade alienada e acadêmica dos que não aceitavam a vinculação das chamadas Belas Artes aos ofícios menores (p. 26)”.

Existiu também nesta fase uma ideia de criar instituições com o objetivo de formar uma elite intelectual e artística com a finalidade de garantir a inclusão do Panorama Cultural Internacional. Para que todos os artistas, professores e alunos pudessem expor seus trabalhos foi feita uma Exposição na Academia, organizado pelo Taunay em 1840.

Segundo PEREIRA (2008), o século XIX, foi marcado por dois pontos importantes; a realização de grandes telas históricas que incorporaram o

romantismo e se tornaram os elementos identificadores de representação da nação e o indianismo que também fez parte do projeto de construção de uma identidade nacional e se manifestou na literatura, pintura e escultura. É importante destacar que houve nesta época pontos variados em opiniões diversas quanto uma política educacional, positivismo e liberalismo na questão do ensino da arte, que por vez tiveram três artistas que tiveram destaque na reorganização do ensino da arte apresentando um projeto para o retorno da aprendizagem da arte: Montenegro Cordeiro, Décio Villares e Aurélio de Figueiredo.

1.3 O Ensino na Academia e Escola de Belas Artes

Com a colonização, os jesuítas, dentre outras influências, trouxeram para o Brasil a arte e o ensino. Nessa época, era comum que os primeiros artistas se dedicassem a copiar estampas europeias de gravuras religiosas. Está situação mudou quando Manuel Dias de Oliveira (1764-1837) tornou-se o primeiro professor a ministrar aulas, dando postura artística para a tradição europeia. Assim a concepção de arte popular foi substituída pela arte erudita, mas infelizmente ainda perdia no quesito “espontaneidade”, através de atividades direcionadas, fazendo uso de uma metodologia exclusiva da Academia de Belas Artes, que tinha o desenho, como a base do ensino.

Assim a Academia Imperial de Belas Artes teve várias formações de artistas no século XIX, como por exemplo; Pedro Américo(1843-1905), Vítor Meireles (1832-1903), Almeida (1850-1899) e Belmiro de Almeida (1858-1935). A academia passou por um período de grandes dificuldades nos primeiros anos de estabelecimentos, após este período passou a ser uma Instituição de grande prestígio e muito respeitada por todos e dois grandes artistas tiveram contribuição para este acontecimento, que são :

- Félix-Émile Taunay (diretor de 1834 a 1851) – organizou as Exposições Gerais em 1840, onde os trabalhos de professores e alunos da Academia eram expostos ao lado de obras de grandes artistas e contribui com os prêmios de viagens á Europa em 1845;

- Manuel de Araújo Porto Alegre (diretor de 1854 a 1857) – empenhou nas mudanças dos currículos, lançando as bases de um projeto nacionalista.

As mudanças implantadas pelo Porto Alegre representou um começo com o programa inicial de Le Breton para a Escola Ciências, Artes e Ofícios. Apesar destas modificações, BARBOSA (1978) acreditava que não foram realizadas mudanças suficientes nos métodos utilizados, como exemplo, foi citado o desenho, que continuou sendo cópias de outros desenhos.



Figura 3 – Retrato de Félix-Émile Taunay
Obra de Nicholas Antoine Taunay

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A9lix_%C3%89mile_Taunay



Figura 4 – Retrato de Manuel de Araújo Porto Alegre

Obra de Ferdinand Krumholz

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_de_Ara%C3%BAjo_Porto-Alegre

Em relação ao requisito produção pictórica, o período foi marcado por dois aspectos que seria a realização de grandes telas históricas que incorporariam o romantismo e se tornaria os elementos de representação da nação e o indianismo que faz parte do projeto de construção de identidade nacional, da pintura, escultura e da literatura. Ainda que fossem consideradas como gêneros dentro da hierarquia da doutrina acadêmica, foram produzidas várias paisagens e naturezas mortas daquela época, tínhamos também a presença de muitos estrangeiros nos territórios brasileiros que registravam as paisagens e

fatos da realidade através de textos e imagens, por parte destas imagens eram pintadas.

A partir do ano de 1870, começaram a surgir séries de situações referentes à crise do Segundo Reinado, um surto industrial, o fortalecimento da burguesia urbano-industrial, apolítica imigratória, a abolição da escravatura e por fim a queda da monarquia e a proclamação da República, no ano de 1889.

Com o fim da escravidão, iniciou também um processo de respeito do trabalho manual que coincidiu com a primeira etapa da evolução industrial, que substituiu o trabalho físico pelo mecânico. Durante o século XIX, prevaleceu a comunicação visual por meio da gravura, baseando entre o público e o privado, em decorrência deste fato a gravura popularizou o consumo de imagem, dando a possibilidade de reprodução com qualidade de informações imagéticas. É importante falar que diante deste fato, os artistas de imagem trabalhavam de acordo com que a sociedade aceitava, ou seja, trabalhava com a cultura visual do momento.

Houve também entre os anos de 1880 e 1920 uma vontade de mudança por parte de alguns artistas, que teve contribuição e influência europeia, trazendo o realismo, o impressionismo, o simbolismo e as primeiras vanguardas históricas representadas pelo futurismo e pelo expressionismo.

Em 1880 a Academia Imperial de Belas Artes atravessou um período intenso de conflitos. Enfrentando dificuldades financeiras, tornando difícil até mesmo na organização das Exposições Gerais e o Prêmio de Viagem ao Exterior aos alunos e professores. Algumas propostas foram apresentadas, mas só em 1890 que foi publicado um decreto propondo a reformulação do ensino e, criando a Escola Nacional de Belas Artes.

Esta reformulação não foi na estrutura curricular e nem nos métodos de ensino e sim no quadro docente. Professores como Vitor Meireles e Pedro Américo foram aposentados, dando lugares a novos professores, como os pintores Rodolfo Amoedo, Lucílio de Albuquerque, Modesto Brocos, dentre outros; a

direção que assumiu foi Rodolfo Bernardelli (1915 a 1915) e posteriormente Batista da Costa (1915 a 1926).

2 Panoramas Histórico do século XX

Na segunda metade do século XX, houve um período de muita insegurança ocasionado pelos conflitos mundiais. Estas inseguranças surgiram devido à divisão econômica que acontecia naquele momento, que era o socialismo e o capitalismo. Os militares, como meio de prevenção dos conflitos depuseram o presidente João Goulart que colocava em risco de alguma maneira estes conflitos a acontecer no Brasil por meio da Reforma Agrária. Neste período seria uma transição para o retorno da democracia.

Segundo Skidmore (1988), houve esta necessidade para adequar todos os interesses da nova classe no poder daquele momento, com isto foi criado um aparato governamental que delimitava os direitos civis e políticos da população. Foi com este pano de fundo que o governo aprovou as reformas educacionais – Reforma Universitária (4024/68) e a Reforma do 1º e 2º graus (5692/71).

Naquela época os professores ministravam suas aulas de artes sem formação específica na área e a disciplina não tinha tanto valor para educação. Foi somente em 1971 quando foi promulgada a Lei 5.692/71 que passaria a ser considerada uma atividade educativa sendo obrigatória no currículo escolar, tendo os professores à oportunidade de fazer cursos universitários para aperfeiçoar a sua formação. Com isso eles teriam a chance de ter a formação em Educação Artística com habilidades de lecionar artes na licenciatura curta (2 anos) e fazer a complementação de mais 2 anos para a licenciatura plena, caso quisessem.

Os alunos realizavam as atividades artísticas sem ter os objetivos das práticas ali desenvolvidas, então para ajudar os alunos os professores passaram a usar livros didáticos da Educação Artística para que eles tivessem um melhor aproveitamento nas atividades oferecidas.

Entre as décadas de 60 e 70, surge a Tendência Tecnocista, que seria as novas propostas pedagógicas para a educação, ou seja, prepararia o profissional

mais competente e produtivo com conhecimentos modernos e com técnicas para suprir os interesses da sociedade. Vale lembrar que o conhecimento da linguagem visual naquela época era restrito durante as aulas, em muitas situações não existia nenhum diálogo durante as aulas. De acordo com o Arthusser (1983), a escola pública era um dos aparelhos ideológicos do Estado que eram utilizados na difusão da ideologia dominante da qual compartilhavam.

Foi neste período que o livro didático passou a ser usado como a principal ferramenta metodológica na divulgação dos saberes. E este processo era efetivado na prática que tinham como tarefas fazer as diretrizes e compor os modelos educacionais que os professores e administradores da escola achassem cabíveis. Assim houve mais preocupações no sentido de como deveria ser dado os conteúdos escolares e não somente em dar estes conteúdos.

Foram reestruturados também os currículos das escolas primárias e secundárias criando a disciplina de Educação Moral e Cívica dando uma abordagem na disciplina da OSPB (Organização Social e Política do Brasil), que tinha o objetivo de passar a ideologia nos princípios da Segurança Nacional. Transformaram também as disciplinas de História e Geografia em Estudos Sociais fazendo com que os alunos soubessem e decorassem datas e nomes importantes da história do Brasil, como a data da proclamação da independência, dentre outras.

Com estas disciplinas Educação Moral e Cívica e Estudos Sociais, tiveram estratégias na veiculação ideológica defendida pelo Regime Militar, tendo seus conteúdos direcionados para um modelo propagandístico e cívico de educação em comum acordo com a política do governo militar. Porém não eram suficientes somente as reformas e mudanças na base curricular de ensino era preciso também analisar a resistência dos professores na aplicação destas reformas em sala de aula.

2.1 O regime militar e o ensino de artes

Na década de 1970, o ensino de artes sofreu um grande golpe, uma vez que de acordo com a promulgação da Lei 5.692/71, “ a educação artística passava a ser uma atividade educativa, deixando de ser atividade complementar, passando a ser obrigatória no currículo escolar, abrindo demanda profissional qualificada para ministrar esta disciplina, pois era exigida formação universitária para trabalhar com a disciplina a partir da 5ª série. Os professores da época não tinham orientação suficiente para desenvolver seu trabalho, pois, até então, lecionavam desenho, trabalhos manuais, canto, artes aplicadas, atividades geralmente sempre relacionadas ao trabalho”

Para dar a estes profissionais a formação necessária para ensinar a disciplina, o Governo Federal, criou cursos universitários de licenciatura, para atender à demanda exigida pela referida lei em 1971.

O currículo de licenciatura em educação artística na universidade pretende preparar um professor de arte em apenas dois anos, que seja capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da primeira à oitava série, e em alguns casos, até o 2º grau. BARBOSA (2003, P.10)

Entretanto, a proposta para a formação destes profissionais era realizada em um período de apenas dois anos e sem nenhuma estrutura básica ou seja, não era um ensino com qualidade. Desta forma, este profissional acabava por submeter os alunos a um ensino de baixa qualidade, através de atividades artísticas, sem a definição clara dos objetivos, pois como eles não tiveram uma formação universitária e o curso que fizeram não tinha base suficiente para repassar conhecimentos de qualidade. Durante o período da ditadura, a educação artística foi deixada de lado, isto acontecia por que não era considerada como uma disciplina, mesmo fazendo parte do currículo escolar. Mas com a criação do parecer nº. 540/77 houve mudanças favoráveis tanto na valorização da disciplina quanto na formação dos professores que passaram a ser trabalhada de acordo com os seus conhecimentos pessoais e profissionais.

Segundo Ana Mae Barbosa a ditadura deixou marcas em todo ensino escolar, principalmente no ensino primário, pois nas escolas os professores ainda continuavam repetindo modelos prontos, como por exemplo, xerox de desenhos, imagens de má qualidade, etc. E para piorar, mesmo tendo a inclusão da disciplina na grade curricular muitas escolas não respeitavam lei e, não proporcionavam ensino de artes para todas as séries.

BARBOSA (1998) também ressalta que era preciso mais pesquisas para obtenção de melhorias, que a arte não tem certo ou errado e que é muito importante para todas as crianças, principalmente para aquelas que são rejeitadas por terem alguma dificuldade ou problemas de comportamento, a arte deixaria com menos timidez proporcionando um melhor aprendizado a elas. Tais movimentos sofreram influência direta daquela época. Este movimento ocorreu durante as décadas de 1960 e 1970, que ficou conhecido como Movimento Estudantil Brasileiro, que reivindicava melhores condições no ensino, ampliação de vagas nas universidades públicas e a liberdade democrática e por justiça social.

2.2 Ana Mae Barbosa e a Abordagem Triângular

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa nasceu no Rio de Janeiro em 17 de Julho de 1942. Graduou-se em Direito, carreira que abandonou logo após a sua formatura, foi à primeira brasileira com doutorado em Arte-educação. Também foi diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) e atualmente está aposentada da pós-graduação em Arte-educação da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP).

Mesmo aposentada continua sendo disputada e muito solicitada como orientadora de mestrados e doutorados. Autora de diversos livros e artigos fundamentais ela é hoje uma das principais referências no ensino da arte nas escolas do Brasil. Ela acredita que a arte estimula a construção e a cognição

das crianças e adolescentes, ajudando a desenvolver outras áreas de conhecimento.



FIGURA 5 - Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

Fonte: Foto de Roberta Barbieri, publicada em: 30 de abril de 2013

<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2013/04/a-trajetoria-de-ana-mae-e-o-entusiasmo-pela-arte-educacao/>

A Abordagem Triangular foi o primeiro programa educativo a frente do MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo) e foi criada em 1987. A origem dessa proposta ocorreu devida uma triangulação, ou seja, de um lado, era o ensino e da aprendizagem o fazer artístico, a leitura da imagem e contextualização e do outro a influência que deu origem a abordagem.

Segundo Barbosa (1998), após realizar uma análise minuciosa do ensino de artes, percebeu que os professores não estavam acostumados a ter a percepção do olhar contínuo, ou seja, não tinha a visão de ver o que a imagem lhes trazia. E assim surgiram as três abordagens: o fazer que estimule o trabalho artístico, o ver que é a forma de interpretação da obra e a contextualização que e a interligação entre a história da arte com outras áreas do conhecimento.

Do ponto de vista da Ana Mae o ver começou a se transformar em cópia e a contextualização em saber apenas a vida do artista e não a imagem que a obra

passava, mas que mais tarde isto mudaria. Hoje esta abordagem e adotada por muitos professores dentro das salas de aulas, dando um novo sentido ao ensino de artes.

3 Panorama Histórico do século XXI

Durante muitos anos, o Ensino de Arte não estimulava a criatividade dos alunos, fazendo uso de atividades, repetitivas, trazendo pontos negativos para o aprendizado e desvalorização da matriz curricular. O aluno não tinha espontaneidade, ou seja, não tinha uma iniciativa própria apenas reproduzia o que era lhes passado.

Mesmo tendo alguns casos em que professores ainda trabalham hoje com a metodologia tradicional, por acreditar que a repetição é o melhor método de ensinar, estão situação já está mudando em muitas escolas, onde o aluno está tendo maior interação e o professor está buscando mais inovações.

A imagem hoje está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, por isso cabe o profissional da educação saber aproveitar de forma correta e constante o uso dela ao trabalhar a arte no ensino, proporcionando mais liberdade de expressão e criatividade aos seus alunos.

Segundo Barbosa, a arte na educação, e considerado como expressão pessoal e cultural, é importante para o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de mudanças que podem ser associadas com a cultura visual. E para que esta associação aconteça temos diversos meios de fácil acesso (mídia, livros, jornais, outdoors, etc).

De acordo com Tourinho (2008), quando o ensino da arte é associado com o meio que o aluno vive ele conseguiu transformar, decodifica, ver e entender a expressão da imagem e fazer acontecer à arte e não somente copia-la. Diz ainda que o ensino da arte provoca as “provações”, ou seja, o despertar o aluno do fazer e ver artístico, e, isso cabe ao professor desperta-lo.

Tenho a impressão de que se perguntássemos aleatoriamente a opinião de pessoas sobre se a Arte deve ou não – e porque – ser disciplina obrigatória em todas as séries do ensino fundamental e médio, provavelmente teríamos um grande número de posições contrárias a este ensino. [...] a situação seria diferentes se, em vez de Arte, perguntássemos sobre outras áreas do conhecimento como Português, História ou Ciências. [...] disputa entre Arte e outras áreas ditas “acadêmicas” no currículo da escola. A hierarquia do conhecimento escolar – explícita ou implícita – ainda mantém o ensino de Arte num escalão inferior da estrutura curricular. (TOURINHO in Barbosa, 2008c, p.28)

Hoje o que se percebe é que se valoriza mais a cultura e o meio dos alunos ao contrário que acontecia antes, onde se valorizava mais a expressão pessoal do aluno, tendo todas as possibilidades de compreender e usufruir da Arte. A arte é a base de todas as demais disciplinas, no que se refere ao uso da imagem e sua relação com a identidade humana, pois por meio dela é possível perceber a visão de cada um através de movimentos. Ou seja, cada indivíduo traz consigo uma personalidade que muitas vezes não se torna difícil de entender, e, através da arte vão se descobrindo e mostrando suas habilidades, muitas vezes sem perceberem, por isso pensar no ensino da arte, sobre o contexto escolar cabe não apenas aos educadores, mas a comunidade escolar como um todo.

3.1 Professor de arte do século XXI

O professor, primeiramente, tem que gostar do que faz, precisa estar motivado e bem seguro tendo domínio no que vai ensinar. Ele tem que ter a consciência que além da importância, da sua formação acadêmica ele tem que saber o que será trabalhado com o aluno, tendo o cuidado de não usar métodos ultrapassados, como o “decoreba da imagem”, pois o que lhe é ensinado, ele carregará pra vida inteira.

Segundo Pimentel, o ensino de arte não pode abster somente do uso da tecnologia ensino e aprendizagem, e preciso ter habilidades para saber aproveitar o lado bom e ruim destas tecnologias no uso da imagem e ensino de arte.

A formação dos professores do ensino de arte se torna diferente de outras áreas educacionais, pois sua trajetória na área educacional teve diversas concepções na sua formação. Por exemplo, o currículo escolar entre os séculos XIX encontrava-se as disciplinas de desenho e música, que se tornaram concepções nas escolas de Belas Artes, Liceus de Artes e Ofícios onde se formavam os professores.

No século XX eram os trabalhos manuais, nas escolas técnicas as artes industriais. Em 1970 o ensino de arte passa a ter um espaço nas escolas, onde os professores passam a lecionar a educação artística.

O resultado destas várias gerações de educadores da arte passa por um momento de fragilidade nas escolas, querendo formar professores polivalentes com professores especialistas. Com este mau acontecimento os professores buscam mais qualificações para a sua formação. Com a criação de uma Universidade em São Paulo em 1980 de pós-graduação, os mesmos deparam com a oportunidade aprimorar a sua formação e é a partir daí que a disciplina passa a fazer parte da LDB em 1996 como área de conhecimento e não somente atividade artística do currículo.

Estas concepções passam a penetrar no meio educacional trazendo o foco da atenção do ensino artístico com muita de emoção, mirando o desenvolvimento da criatividade dos alunos, através das diferentes linguagens artísticas, que serão incorporadas pelas propostas modernas da educação e, da ideia que todo o individuo é capaz de criar suas próprias ideias artísticas.

E, é por toda a história do ensino da arte e da educação que a formação do professor é grande valia para o ensino/aprendizado e a criação de novos cursos, pois as possibilidades existentes são o resultado do presente e as mudanças do futuro.

3.2 Novas Tecnologias no Ensino da Arte

Com o surgimento da tecnologia a educação não poderia ficar de fora. Diante desta nova realidade surgem mais um desafio para as escolas, para que as crianças e jovens se tornem usuários criativos e críticos destas tecnologias, uma sugestão era ensinar a história, a criação e a utilização para a educação e uma avaliação da mídia como artes plásticas e técnicas para aplicação ensino/aprendizagem.

Ao falarmos de tecnologia pensamos logo em celular, computador, entre outros, mais ela vai mais além do que isso e a relação entre o sujeito-objeto e sujeito-sujeitos e objetos, ou seja, e a relação entre o indivíduo e a tecnologias. Segundo Sancho Brito 2006, a tecnologia pode ser classificada em três tópicos: “Tecnologia Física: São as inovações de instrumentos físicos, tais como: caneta esferográfica, livro, telefone aparelho celular, satélites, computadores;”

Tecnologias Organizadoras: “São as formas de como nos relacionamos com o mundo e como os diversos sistemas produtivos estão organizados.”

Tecnologias Simbólicas: “Estão relacionadas com a forma de comunicação entre as pessoas, desde o modo como estão estruturados os idiomas escritos e falados até como as pessoas se comunicam.”

Então a história da arte está ligada nas mudanças de suportes artísticos, surgindo a partir daí novos conceitos e aplicação técnica para a arte. O uso da tecnologia no processo criativo cria várias possibilidades, como uma ferramenta técnica ao processo artístico conceitual, estas ações podem ser vistas nas artes visuais e audiovisuais, na literatura, nas músicas e nas artes de performáticas.

Diana Domingues (1997) cita alguns exemplos de arte tecnológica, como a interatividade que são, artes feitas a partir do meio do aluno, a mutabilidade a arte pode ser modificada por recursos técnicos, conectividade são artes feitas com a ação da internet e não linearidade, que se torna difícil a sua criação. A partir daí cria uma ação na formação do aluno através dos meios tecnológicos, proporcionando o estímulo na sensibilidade, criatividade e as experiências lúdicas existentes dentro da educação artística, diferenciando a tecnologia e a arte.

Entretanto, vale ressaltar que, o uso da tecnologia, por si só, não vão mudar a realidade e a qualidade do ensino. Essas mudanças estão diretamente relacionadas à formação e às práticas pedagógicas utilizadas pelos

professores. Outro ponto que merece destaque é o fato que as mídias e tecnologias utilizadas devem ser adaptadas à faixa etária dos alunos, a fim de facilitar a aquisição do conteúdo e a construção do conhecimento.

"A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir pode expandir a capacidade dos nossos meninos e meninas, depende de quem o usa". (FREIRE: apud. ALMEIDA, 2000, p. 54).

A construção do conhecimento deverá partir sempre do conhecimento prévio do aluno, das suas vivências e saberes e, a partir daí, o professor atua como mediador/facilitador para integrar esses conhecimentos às novas mídias e, proporcionar a construção progressiva do conhecimento em artes, tendo como ponto de partida o estímulo da capacidade criadora. Para que isso ocorra, é necessário que o professor crie um ambiente dinâmico e motivador, incluindo de forma positiva os alunos nas mais diversas situações fazendo com que os mesmos consigam se expressar de forma criativa.

Conclusão

Com o término desta pesquisa, pode se concluir, que anos após anos, o Ensino de Artes sempre encontrou dificuldade e obstáculos na aceitação dentro da educação, mas que mesmo tendo estas barreiras sempre tiveram pessoa que trabalhavam em prol da valorização e inclusão da disciplina e isto com certeza, fez muita diferença.

Cabe a cada um continuar fazendo a sua parte, mostrando que arte vai muito mais além de uma simples figura, desenho, que aparece apenas traços coloridos nos trazem mensagens, capacidade, criatividade, que na maioria das vezes não vemos e não entendemos e que não precisamos ser artista para entendermos a arte, basta termos uma oportunidade de conhecimento, que passaremos ver com outros olhos e nada melhor do que começar com esta visão na educação. A teoria está aí, e, basta que cada educador ponha em prática para que o ensino/aprendizado aconteça.

Esperamos que sempre apareçam novos estudos que possibilitem aos educadores ampliar seus caminhos com alternativas para a realização de um trabalho bem sucedido para uma boa formação dos alunos. Assim foi realizado o presente estudo com o objetivo de identificar as mudanças e dificuldades na trajetória do ensino de artes nos séculos XIX, XX, XXI e procurou proporcionar mais conhecimentos a todos da área educacional e da arte e a incentivar na busca de novos conhecimentos e formação.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Arte educação nos dias atuais artigo disponível em
: <http://artedisoleil.blogspot.com.br/2011/08/arte-educacao-nos-dias-atuais.html>
Acesso em 08 dezembro 2015. Às 12h04

ESCOLA NOVA: artigo disponível em:
<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml>
Acesso em 08 dezembro de 2015 às 13h25

AMSBURG, Dagmar O Ensino da Arte Hoje: Tendências e Perspectivas. Artigo disponível em: <http://maniacolorida.blogspot.com.br/2010/07/o-ensino-da-arte-hoje-tendencias-e.html> acesso em 08 dezembro 2015 às 15h16

O Futuro do Professor de Artes Visuais no Século XXI: artigo disponível em:
<http://aureniuab-3.blogspot.com.br/>
Acesso em 09 de dezembro de 2015 as 21h30

Como se formam professores de Arte: artigo disponível em:
<http://www.unesp.br/aci/jornal/211/opiniao.php>
acesso em 10 dezembro 2015 as 00h45

As Novas Tecnologias como Expressão Artística: artigo disponível em
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2314-8.pdf>
Acesso em acesso em 10 dezembro 2015 01h31

SOFIATO, G. Cássia. Revista Educação e Cultura Contemporânea. Vol. 11, n.23. Um olhar para a formação em Artes Visuais no Brasil do séculos: raízes históricas